


**LÍNGUA E ENSINO: UMA LEITURA DISCURSIVA**

*Eliana de Almeida<sup>1</sup>*

*O homem não pode, assim, evitar a interpretação, ou ser indiferente a ela. Mesmo que ele nem perceba que está interpretando – e como está interpretando – é esse um trabalho contínuo na sua relação com o simbólico.*  
(Orlandi, 1996)

**Resumo:** perguntamos pelas práticas metodológicas de leitura e ensino de leitura na sala de aula em relação à reprodução das práticas escolares, sem propiciar acessos dos sujeitos do conhecimento – sujeito-aluno e sujeito-professor – ao objeto de estudos. Pela Análise do Discurso (Pêcheux, 1988; 2001; Orlandi, 1993; 2007), teoria crítica da linguagem, propomo-nos a um exercício discursivo de leitura, buscando compreender pelos processos de desnaturalização de sentidos da relação língua/sujeito/história outros sentidos em jogo em nossa sociedade e, com isso, circunscrevendo a sala de aula enquanto espaço produtivo de leitura.

**Palavras-chave:** língua e ensino, Análise do Discurso, ensino de Língua Portuguesa, língua e preconceito.

**Résumé:** Nouds interrogeons par les pratiques méthodologiques de lecture et d'enseignement de la lecture ans la classe par rapport à la (re)production de cet espace, sans permettre l'accès des sujets de la connaissance - sujet-élève et sujet-enseignant - à l'objet d'études. Par l'Analyse du Discours (Pêcheux, de 1988 ; 2001 ; Orlandi, 1993 ; 2007), théorie critique de la langue, nous nous proposons à un exercice discursif de lecture, en cherchant à comprendre, par les processus de dénaturalisation les sens de la relation langue/sujet/ histoire, d'autres sens en jeu dans notre société et, comme cela, en entourant la classe comme espace productif de lecture.

**Mots-clé:** Langue et l'enseignement, l'analyse du discours, l'enseignement de la langue portugaise, langue et préjugé

1. Professora do Depto de Letras de Pontes e Lacerda – UNEMAT e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e pesquisadora do Grupo de Pesquisas Cartografias da Linguagem – CNPq – CEPEL.

---

## Uma leitura discursiva do material

A relação entre a teoria linguística e seu objeto de estudos constitui um dos legados saussurianos para o campo das ciências da linguagem, quando no *Curso de Linguística Geral* (1983) o autor afirma ser o ponto de vista o que cria o objeto. Assim, esse objeto de estudos é construído a partir de formulações teóricas dadas de antemão, sustentadas por um corpo de definições que orienta a proposição da pergunta, tornando inescapável a necessidade de inscrição daquele que ensina/trabalha com as questões de linguagem. Consideramos, então, que para quaisquer instâncias de produção do conhecimento da vida escolar, o trabalho que toma a linguagem por objeto de estudos, supõe sua inscrição teórica de antemão, sob pena de ocupar o lugar de mero reproduzidor de fórmulas ou o de quem propõe-se a reiterar o estabilizado dos sentidos em leituras naturalizadas pela ideologia.

A posição dos estudos da linguagem a partir da qual propomos esse percurso de leitura é a Análise do Discurso (Pêcheux 1988; Orlandi 1997, 2000, 2007; Mariani 2007;), recortando a relação *ensino/língua* como objeto discursivo de compreensão e, ao mesmo tempo, dando visibilidade ao dispositivo teórico discursivo como lugar produtivo para o trabalho com a leitura em sala de aula. Desse modo, perguntamos pelas contribuições que a Análise do Discurso, teoria crítica dos estudos da linguagem, podem trazer para a relação *ensino/língua*, considerando especificamente o espaço da sala de aula enquanto lugar de produção de leitura, interpretação.

O material de estudos que recortamos para este artigo é um texto jornalístico veiculado na internet, que comenta a cena de participação em um programa de auditório, o *The Tonight Show*<sup>2</sup>, pelo recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Ao ser interrogado sobre o que faria com a pista de boliche deixada na Casa Branca por George Bush, o presidente diz ao apresentador Jay Leno que a manteria para o exercício pessoal de práticas desportivas, mas que não estava nada satisfeito com os 129 pontos que havia marcado na pista de boliche e afirma *parecia os jogos paraolímpicos ou algo assim*. A matéria jornalística informa que a platéia riu, mas que a Casa Branca logo notou o escorregão, conforme se lê nos sites <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional> e <http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=112485>.

A perspectiva discursiva toma a língua enquanto espaço de produção de sentidos numa relação com o sujeito que a produz e com a história que o determina, de modo que esses sentidos não são lidos numa relação direta e transparente entre *palavra/coisa* ou mesmo entre *significante/significado*, mas conforme considera Pêcheux (1988, p. 176):

Os significantes aparecem dessa maneira não como as peças de um jogo simbólico eterno que os determinaria, mas como aquilo que foi “sempre-já” desprendido de um sentido: não há naturalidade do significante; o que cai, enquanto significante verbal, no domínio do inconsciente está “sempre-já” desligado de uma formação discursiva que lhe fornece seu sentido, a ser perdido no non-sens do significante. Destaquemos que isso

---

2. Agradeço aos alunos da graduação do Curso de Letras e do Grupo de Pesquisa Cartografias da Linguagem, interlocutores nessas discussões.

---

não se contradiz, em absoluto, com a supremacia do significante sobre o significado, desde que se compreenda que essa supremacia se exerce no quadro de uma formação discursiva determinada por seu exterior específico. [Grifos do autor].

Discursivamente, a língua define-se enquanto espaço linear significante que, desprendido de significados associados psiquicamente no cérebro, materializa a inscrição do sujeito que a produz, bem como da história que o constitui, estruturando essa contradição de um *dentro* e um *fora* na língua mesma pelas condições de produção que determinam a relação língua/sujeito/história. Esse funcionamento constitui a ordem especular da língua como uma dobra ou como um movimento de retornos aos processos materiais de produção de sentidos.

Assim, os estudos discursivos deslocam-se da concepção sausseriana, tomando como objeto o discurso, *efeito de sentidos* entre os interlocutores (Pêcheux, 1988), que se materializa no espaço de dizer em relação ao modo como se diz (Orlandi, 2007). A ideologia e o inconsciente materializam-se na língua, de modo a produzir nessa sua opacidade constitutiva as marcas, os indícios de posições discursivas assumidas pelo sujeito no modo que a produz, definindo sentidos e sujeitos pelo discurso.

Em relação ao enunciado de Obama *parecia os jogos paraolímpicos ou algo assim* a língua – agora pensada enquanto discurso – deslineariza-se do fio significante, produzindo pela quebra ideológica do ritual um certo estranhamento em relação aos sentidos. O enunciado dá visibilidade a sentidos *não previstos e não afinados/adequados* para aquele ritual discursivo, cuja posição ideológica opõe-se ao imaginário político ostentado pela Casa Branca como definição para o lugar da presidência da república dos Estados Unidos da América, ora ocupada por Barack Obama. O enunciado materializa uma posição ideológica preconceituosa assumida na língua, como que por um *escorregão* de Obama, conforme observa a Casa Branca.

A deslinearização da língua constitui os processos discursivos de significação pelo efeito metafórico, cujo procedimento de leitura põe em relação *Obama* e o *sujeito paraolímpico* e, ao mesmo tempo, a *pontuação de Obama* numa relação com a *pontuação média dos paraolímpicos*. Os efeitos metafóricos se dão enquanto jogo discursivo de substituição de um termo pelo outro, sob o modo de deslisamentos (Orlandi, 1996). A ideologia, no modo como é definida por Pêcheux (1988) estrutura-se no ritual com falhas, razão pela qual o presidente fora imediatamente notificado pela Casa Branca de que havia cometido um *escorregão*.

O enunciado de Obama mobiliza sentidos da memória discursiva que jogam com um imaginário social sobre o *sujeito deficiente*. A língua deslineariza-se do fio significante ao propor-se numa relação com os sentidos naturalizados para o *sujeito deficiente*, embora, provavelmente esta não fosse a *intenção* de Obama, retomá-los naquele ritual e materializá-los de vontade própria no modo pelo qual é afetado na língua pela ideologia e pelo inconsciente. Consideramos pela Análise do Discurso que um enunciado, o dizer, significa-se na sua relação com a exterioridade e com o *já-dito* da memória discursiva,

conforme vemos em Orlandi (1993, p. 44):

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas.

A autora descreve o funcionamento discursivo da leitura enquanto procedimento de deslinearização da língua no texto pelo *já-dito* de uma memória discursiva. O enunciado de Obama é deslinearizado à medida que é posto em relação ao que não está dito e à medida que o que não está dito se sustenta enquanto posição ideológica marcada no dizer. Os sentidos de preconceito em relação ao *sujeito deficiente* que não estão ditos no enunciado de Obama significam-se e sustentam pela memória do *já-dito* a posição ideológica que o determina enquanto sujeito do discurso.

A língua se dá enquanto espaço de produção de sentidos ao remeter-se à memória discursiva. Para Orlandi (2007, p. 36), essa memória é lugar de tensão, considerando-se a dificuldade em traçar limites entre o mesmo e o diferente pelos deslizamentos de sentidos e pelas/nas falhas possíveis da língua. Conforme a autora trata-se do funcionamento discursivo específico da linguagem, que se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos para a produção dos sentidos.

Há sentidos não formulados em palavras, sustentando o que foi dito por Obama, por exemplo, os sentidos de que o *paraolímpico* não é contado oficialmente enquanto profissional do esporte como outro atleta olímpico. É no jogo metafórico e por meio de deslizamentos que a língua significa na sua relação com o sujeito que a produz e com a história que os constitui. A língua mobiliza a memória do discurso à medida que os *jogos paraolímpicos* são tomados como parâmetro de *baixo rendimento* para o presidente enquanto desportista de boliche na casa branca. O desconforto, a quebra do ritual ideológico se acentua pelo fato de ser o presidente a formular e a dar corpo a esses sentidos.

Numa rede parafrástica de sentidos, regida pelo procedimento discursivo da repetição, podemos supor formulações em relação ao enunciado de Obama *parecia os jogos paraolímpicos ou algo assim* que podem variar em cadeias significantes de diferentes modos e dentre as quais:

- 1- Não podendo ser comparado a um atleta profissional olímpico, pela minha incapacidade esportiva, comparo-me a um paraolímpico;
- 2- O meu máximo no boliche não chega a tanto, vai até o limite de um atleta-paraolímpico;
- 3- Minha capacidade de pontuação no boliche se iguala à incapacidade do sujeito-deficiente.

Esses sentidos repetem-se em cadeia parafrástica, dando visibilidade à posição ideológica que se mantém nessa rede de significação ainda que em diferentes formulações. Como informa a matéria jornalística, este enunciado do presidente causou reação na Casa Branca, considerando o fato como uma infelicidade retórica de Obama, um *escorregão*, o que para os analistas do discurso constitui a quebra do ritual materializada na língua pela ideologia. Nessa falha da língua, em que um *termo* é tomado pelo *outro*, é que os sentidos ideológicos significam o Outro da língua e o Outro do sujeito, marcando posições constitutivas da memória discursiva e materializando-se como inscrição daquele que formula, na/pela cadeia significante da língua.

Ainda que a Casa Branca corresponda ideologicamente com a posição inscrita no enunciado de Obama (o que não vem ao caso), entra em jogo o imaginário das representações sociais desse enunciado, supondo ser Obama o presidente dos Estados Unidos, falando pela primeira vez enquanto tal num programa de auditório em rede aberta e cadeia nacional de televisão, poucos dias imediatamente após as eleições presidenciais. Em decorrência deste enunciado, informa a matéria, foram formalizados oficialmente muitos pedidos de desculpas e perdões pelo presidente e pela Casa Branca às entidades e associações ligadas ao sujeito-deficiente, além de promover na referida pista de boliche um campeonato entre os atletas paraolímpicos e o presidente.

A leitura define-se nessa perspectiva discursiva enquanto processo de deslinearização da língua e de desnaturalização dos sentidos, para o que os pedidos de desculpas e perdões funcionem enquanto efeito, ilusão de apagamento da posição ideológica exposta na evidência do/pelo simbólico. Os esforços empreendidos pelo presidente e pela Casa Branca em administrar os sentidos do preconceito em funcionamento no enunciado visam reescrevê-lo pelos sentidos do *politicamente* correto, em consonância com o imaginário da tradição norte-americana ostentada pela Casa Branca.

Esses pedidos de desculpas e perdões reatualizam da memória discursiva as determinações históricas de sentidos, que se dão enquanto espaço de inscrição do sujeito do discurso. O enunciado *parecia os Jogos Paraolímpicos ou algo assim* marca a posição discursiva em relação ao enunciador, considerando também o lugar de onde enuncia e o alcance público (a interlocução) desse dizer, visto que sujeito e sentidos imbricam-se numa relação constitutiva.

O termo *escorregão* trazido pela matéria jornalística aponta para o desconforto instalado ao tratar-se da fala do presidente, um democrata, o primeiro presidente negro da história americana, eleito sob a égide dos direitos iguais. A língua, afetada pelo inconsciente e determinada pela história, materializa os processos de produção de sentidos, definindo posições-sujeito no modo de dizer e formulando versões possíveis de um *já-dito*. É tomado por sentidos que o afetam e sem mesmo dar-se conta deles que o sujeito formula, posicionando-se enquanto sujeito do discurso (Orlandi, 1997) no fio significante.

O empenho em apagar, dizer de outro modo o enunciado de Obama ou produzir outros sentidos que não os evidenciados no jogo metafórico apontam para a posição discursiva sustentada na base epistemológica de um sujeito centrado, dono e origem do dizer. O pedido de desculpas materializa a falha da língua não como *erro* na estrutura sintática,

mas como um lugar de manutenção da ordem de um mundo semanticamente normal pelo imaginário social. É como se com o pedido de desculpas resolvesse e restituísse historicamente o fato, produzindo o efeito de apagamento do fato e de sua gravidade, como se lê em *Ele demonstrou seu desapontamento e se desculpou de um modo muito tocante. Ele afirmou que não queria humilhar essa parcela da população*, relatou Shriver.

A relação constitutiva entre a língua, o sujeito e a história determina nossos dizeres de modo que os sentidos não se deixam ser controlados ou administrados, como vimos nas observações de Shriver, visto que não tem origem no sujeito e não ser o sujeito quem significa as palavras que enuncia (Pêcheux, 1988; Orlandi, 1997), caso contrário Obama, mestre na retórica das palavras, evitaria tal constrangimento. Esse jogo constitutivo da relação língua/sujeito/história, que se dá enquanto lugar de leitura, pode intervir nos modos de produção de sentidos na sala de aula, pelos deslocamentos possíveis.

Por se tratar de um programa de humor, o enunciado proferido por Barack Obama provoca risos no auditório, conforme se lê na matéria *“a plateia riu, mas a Casa Branca logo notou o escorregão*. Se considerarmos os programas televisivos de auditório enquanto ritual discursivo de linguagem, pode-se tomar o *riso* como parte constitutiva desse ritual. O *riso* aparece nesse contexto como marca da posição-sujeito *midiativo*, o sujeito *programado* pela estrutura do ritual discursivo do programa de auditório, que responde aos mecanismos pragmáticos, ensaiados e previstos, de linguagem.

É como o aplauso ou a vaia previstos no ritual dos festivais da Música Popular Brasileira, em que Chico Buarque explicita a brusca finalização da sua proposição musical em 1967, com a música *Roda Viva* (1967), classificada em 2º lugar, cujo aplauso está circunscrito na tecitura mesma da melodia. Após o jogo melódico de vozes, cujo movimento de notas musicais que se sustentam produz o efeito da roda, há um corte para a entrada dos aplausos e, no festival de 67, a plateia aplaudiu. O *riso* da plateia significa-se também enquanto assentimento à posição ideológica que sustenta o enunciado, como que num encontro consonante entre Obama e a plateia. Um assentimento ideológico assumido no enunciado de Obama evocando riso e a plateia ri.

Esse é um dos modos pelos quais a Análise do Discurso propõe-se à discussão da relação língua e preconceito. Nessa perspectiva, os sentidos do preconceito circunscrevem-se na estrutura mesma da língua constituindo sujeitos e definindo seus dizeres, de forma que os modos como se fala fazem parte dos sentidos que os constituem. A exterioridade é considerada como um dentro no processo de produção de sentidos e do sujeito na língua, cujos sentidos de preconceito são definidos pela pelo social numa relação de constituição e não como mera categoria teórica de classificação.

Conforme Orlandi (2002), o preconceito constitui o sentido proibido, o censurado. No enunciado de Obama, o *não-dito* significa que *não é para ser um sujeito-deficiente* ou ainda um *sujeito-paraolímpico*. Os sentidos do preconceito funcionam enquanto uma discursividade que circula sem sustentação (Orlandi, 2002), mantida por relações imaginárias que apontam para uma formação discursiva e que, historicamente, captura o sujeito-falante. Um *já-dado* desses sentidos do preconceito é reatualizado no enunciado de Obama, pondo em funcionamento o jogo social materializado pela ideologia no termo *paraolímpico*, de

modo que não se trata de pedidos de desculpas, tampouco de acusações aos modos pelos quais o sujeito é capturado em redes de significações.

Para a Análise de Discurso, a noção de sujeito é definida enquanto posição ideológica em relação aos sentidos produzidos na linguagem, cuja possibilidade de captura pelo significante se dá na/pela falha constitutiva da língua.

Conforme Mariani (2007, p.111):

[...] na falha da cadeia encontramos o real articulado no simbólico, inscrito nessa cadeia: o real promove a escrita da falta de um significante e, paradoxalmente, é inapreensível, não se dá a ver, a escutar, não se apreende, escapa sempre. O real só é apreensível pela via do imaginário, pelas tentativas de produção de sentidos que dão conta dessa falta (de um significante) que nos funda como sujeitos.

Em relação ao enunciado de Obama, perguntamos pelo real que se materializa na falha, no *escorregão*, no momento em que o *presidente* se dá negativamente enquanto metáfora no lugar do sujeito-paraolímpico. A materialidade linguística aponta para um *modo de dizer* que desafia-se em sentidos outros, numa relação constitutiva entre língua e memória, capturando pela falha do fio significante o real dos sentidos e do sujeito que se constitui no e pelo *preconceito*.

### A relação língua e ensino

Nessa perspectiva discursiva de produção dos sentidos, a sala de aula pode constituir-se em espaço de leitura de materiais distintos de linguagem, cujas materialidades simbólicas se definem pela língua, ou pela cor, som, movimento, volume, etc. O processo de leitura pelos sujeitos do conhecimento, aluno/professor, orientado por uma teoria de linguagem, é construído numa relação com o objeto de estudos, tornando-o acessível em suas diferentes possibilidades de problematizações como procedimentos de leitura em sala de aula.

A inscrição teórica do sujeito-professor no gesto de recortar um material de leitura e propor-lhe uma pergunta constitui-se numa tomada de posição em relação ao objeto e à produção do conhecimento, que pode se dar em via dupla entre professor e aluno. Orlandi (1987:30) considera que o discurso pedagógico em sua circularidade e no modo como está instituído em nossa tradição submete o espaço discursivo da sala de aula à reprodução de informações, em que o aluno não toca o objeto, nada construindo sobre ele, apenas tendo acesso àquilo já construído pelo livro ou pelo cientista.

Não se trata de instrumentar metalinguisticamente o aluno, substituindo um corpo de definições teóricas por outro, como por exemplo o da gramática normativa pelo das teorias de gêneros textuais ou pelo das teorias discursivas, desfocando os dispositivos-meio como objetos-*fim*, em que a metalinguagem ganha o estatuto de conteúdo e *saber* sobre a língua, mas de constituir a sala de aula como espaço de leitura, cuja *autonomia* do sujeito-professor em relação às práticas pedagógicas de reprodução em sala de aula

sustenta-se na inscrição teórica dos estudos da linguagem enquanto lugar de definição do objeto mesmo com o qual se propõe a trabalhar.

Isso aponta para o que dissemos anteriormente no início do artigo, de que o trabalho de leitura na perspectiva linguística impõe que se tome o objeto do conhecimento, o material de leitura, sob a perspectiva de um ponto de vista teórico. A Análise do Discurso enquanto esse ponto de vista propicia pelo seu dispositivo teórico um trabalho de leitura possível a quaisquer instâncias de produção de sentidos na vida escolar, visto que os procedimentos de desnaturalização da ideologia e de compreensão dos processos de subjetivação na/da materialidade simbólica se dão também em relação às condições de produção do sujeito-leitor e vale dizer que o grau de escolaridade constitui-se parte dessas condições de produção.

As metodologias de leitura que se circunscrevem numa perspectiva teórica das ciências da linguagem significam a posição sujeito-professor em relação ao objeto do conhecimento, a *linguagem*. Essas definições que sustentam as atividades em aula intervêm na escolha do material e inscrevem os modos de leitura das relações possíveis de sentido advindas desse material. Assim, nessa perspectiva, torna-se insólito o questionamento do uso do livro didático por ele mesmo, sem que tal questionamento se sustente numa das teorias das ciências da linguagem. Enquanto instrumento de trabalho em sala de aula, o uso do livro didático constitui uma posição discursiva em relação ao ensino assumida pelo sujeito-professor/instituição, cujo procedimento tem sido muito criticado em nossos dias, mas consideramos que a possibilidade de constituição de objetos de estudos da linguagem para o trabalho em sala de aula, sem a tutela do livro didático, supõe compreendê-los sob um ponto de visto teórico.

Dessas muitas críticas ao uso do livro didático decorre uma sua supressão inconsequente, abrindo espaço para vazios intermináveis na sala de aula regido por um *não-saber-o-que-fazer* diante do trabalho de produção do conhecimento. As atividades propostas para ocupar o espaço da aula esgotam-se em meras repetições do livro didático mesmo – sem ele empiricamente – que vão perdendo o fôlego e a *criatividade* para tanto em pouco tempo de ousadia. Atesta-se um *saber o quê não fazer* ao mesmo tempo em que não se tem claro *um como fazer* diante de discursivizações tantas referentes à relação língua/ensino. Consideramos que essa falta, essa quebra que expõe o modelo tradicional de ensino da linguagem como insuficientemente capaz de constituir objetos de leitura a serem trabalhados em sala, além de não responder às questões do sujeito contemporâneo e dividido que frequenta a escola, aponta para o equívoco na história a partir de novas práticas simbólicas de linguagem que prescindem de perspectivas teóricas outras como base para a compreensão e problematizações.

Nessa perspectiva discursiva, Fedatto & Machado (2007, p. 9) afirmam:

A escola, como espaço da possibilidade da relação professor-aluno-conhecimento, constitui no e pelo confronto de sentidos. Podemos dizer, pois, que o real da sala de aula é a heterogeneidade, a instabilidade, a polissemia, o litígio, a diferença. [Grifos dos autores].



O estabilizado dos sentidos constitui horizontes de recortes possíveis para os processos de desnaturalização da leitura em sala de aula, em que a *sobredeterminação do autoritarismo pela autoridade na formulação do discurso pedagógico* (Fedatto & Machado, 2007) é desestabilizada pelo/no procedimento mesmo de seleção do material. As aulas de linguagem podem tornar-se espaço de assunção de *autoria* no processo mesmo de produção do conhecimento, em que professor e aluno toquem o objeto, constituindo-se simultaneamente sujeitos do conhecimento.

Na obra *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico* (1996, p. 94), Orlandi considera que o recorte do material de leitura inscreve já um gesto de leitura e afirma:

O autor é aqui uma posição na filiação de sentidos, nas relações de sentidos que vão se constituindo historicamente e que vão formando redes que constituem a possibilidade de interpretação. Sem esquecer que filiar-se é também produzir deslocamentos nessas redes.

O espaço da sala de aula se legitima assim enquanto lugar crítico de produção de sentidos, visto que o material de leitura é tomado como possibilidade de ruptura e deslocamento em relação ao estabilizado dos sentidos. A Análise do Discurso propõe-se como dispositivo teórico de leitura, supondo a especificidade material significativa das diferentes materialidades simbólicas, sem a mediação e/ou *sobredeterminação do linguístico* (Orlandi, 1995), em que a pintura, a escultura, a moda, a música, o cinema, o grafite, a língua, etc. significam enquanto tais, do mesmo modo, na sua relação com a história e afetados enquanto simbólico pelo inconsciente.

O desprendimento entre o significante e o significado proposto por Pêcheux (1988) aponta para o fato de que o discurso funciona em relação a todas as materialidades simbólicas, do mesmo modo como em relação à língua, cujos sentidos são sustentados por uma memória. O recorte de um enunciado *parecia os Jogos Paraolímpicos ou algo assim* proferido por Barak Obama, presidente dos Estados Unidos, no ritual de um programa televisivo, cujo enunciado se dá enquanto quebra ideológica do ritual, define a posição discursiva de leitura que assumimos, visto que a superfície linguística é deslinearizada em relação ao seu contexto enunciativo e à história.

Ao considerar o real da sala de aula enquanto lugar de heterogeneidade, instabilidade, polissemia, litígio, diferença, inscrevemo-nos numa posição contemporânea dos estudos da linguagem em que o estabilizado dos saberes é dessacralizado enquanto verdades absolutas e cuja noção de sujeito é a de um sujeito contemporâneo, dividido, que se estrutura na fronteira dessas diferenças simbólicas

AUROUX, Sylvain. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ESTADÃO NOTÍCIAS INTERNACIONAL. **Obama comete gafe sobre Jogos Paraolímpicos**. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional>  
Acesso em: 20/03/2009.

FEDATTO, Carolina P. & MACHADO, Carolina de P. O muro, o pátio e o coral ou os sentidos no/do professor. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **Discurso e Ensino: O cinema na escola**. Campinas, SP: Editora Mercado das Letras, 2007. p. 9 – 16.

FOLHA DA REGIÃO. **Obama se desculpa por gafe sobre Paraolímpicos**. <<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=112485>>. Acesso em: 21/03/2009.

MARIANI, Bethânia. **Análise do Discurso no Brasil: Mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

\_\_\_\_\_. **Colonização Linguística: Línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)**. Campinas-SP: Editora Pontes, 2004.

MILNER, Jean Claude. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípio e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista: discurso do confronto, velho e novo mundo**. Campinas, SP: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. Do Sujeito na História e no Simbólico. In: **Revista Escritos**. Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. Nº 4. Labeurb, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis-RJ Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 5ª edição. São Paulo: Cortez; Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2000.

\_\_\_\_\_. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: **RUA**, n.1, Campinas, SP, p. 47, 1995.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua: Imigração e Nacionalidade**. São Paulo: Ed. Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel & GADET, Françoise. **A língua inatingível: O discurso na história da Lingüística**. Campinas: Pontes Editora, 2004.

---

\_\_\_\_\_. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. n. 19, Campinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. Ler o Arquivo hoje. (Org. Eni Orlandi). **Gestos de Leitura: Da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

